

As ASSIGNATURAS são de 26 por trimestre, 42 por semestre e 84 por anno para a Corte e Nictheroy.

O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem ser remetidas a rua do Principe dos Bejaes n. 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco

O DOMINGO

Rio, 7 de Fevereiro de 1874.

O amor materno

Emanação da divindade, a mãe é o ente a quem devemos amar sobre todos os outros entes, porque a ella devemos a existencia, porque é ella que guia os nossos primeiros passos ao sahir do berço, e que, assemelhando-se a um anjo consolador, vêla por nós até descermos á sepultura.

O homem, pela sua asperesa natural, é incapaz de desenvolver na creança as primeiras faculdades; affastada a infancia pela sua situação social, elle ignora que sentimentos deve excitar, as molas que ha de mover, e nem sabe adivinhar as preciezas destas tenras intelligencias, cuja linguagem desaprendeu, nem dirigir-lhes as vontades, nas quaes já não sabe ler.

As mães e só as mães podem aquillo que nunca o homem será capaz de tentar, com feliz exito; pelo menos até a época em que o infante, já mancebo, se possa aproveitar das suas lições scientificas.

Portanto, só ás mães cabe exercer as funções, para que a natureza as creou.

Ao homem neste caso só cumpre despertar no espirito das mães o sentimento dos seus deveres, e achar-lhes todas as difficuldades que poderiam pôr-lhes barreiras, não ao valor, mas á modestia.

Muito podem as mães, porque o coração da mulher é thezouro de affeição infinita; e a mulher não deve cessar um instante de amar mãe; e, visto haver a Providencia posto a se-
de seus fil-
de seus fil-

nhários o doce cargo de lh'os sustentar, salvo quando nisso perigiar a sua vida.

E' pois de absoluta necessidade que a mãe crie seus filhos: a sua ternura lhes deve ministrar todos os soccorros: importa que ella responda ao seu primeiro balbuciar, para que elles não ouçam senão palavras de amor.

Quando a creança começa a fallar, novos deveres recrescem á mãe e então se torna importante sua missão de mestra; porque dessa primeira educação, que lhe vai dar, depende a sorte futura do discípulo.

Não é só acariciando, beijando e satisfazendo a todos os caprichos dos filhos que se incute nelles o amor pela mulher que lhes deu o ser; não; é tornando-lhes, como diz Plutarco, e afficando lhes os costumes, visto que n'a idade tenra esol apta para receber toda a casta de impressões, que se estampará facilmente nos corações tudo o que approuver a nós—mães.

Platão judiciosamente dverte ás mães e ás amas que não contem a esmo ás creanças toda a sorte de fabulas, porque isso lhes recheará as almas de desvarios e erradas opiniões. Todo o apreço que se fizer destes prudentes conselhos será ainda pouco.

E insistiremos nelles; porque a mãe que delles se desviar incutirá idéas corruptas e destemperos n'os filho.

(Continúa)

O que sentimos

Encarecer com os nossos elogios a mimosa e sentimental poesia que em outro lugar publicamos, e que está assignada por um dos mais distinctos litteratos da nossa patria, o Sr. conselheiro Octaviano, seria desmerecer-lhe o merito.

Os nossos leitores que se banqueteiem com ella.

A thesoura

A este instrumento de ferro ou de aço deve muito a humanidade.

E' elle que corta o cordão umbilical da criança recém-nascida; foi com elle que a bella Dallila anniquilou a força de Sansão.

E Sansão não foi o primeiro nem o ultimo amante que sahio tosquiado das mãos de uma mulher.

A duquesa de Montpensier contava fazer outro tanto a Henrique III de França, e trouxe por muito tempo ao lado a thesoura que transformaria aquelle monarcha effeminado, em monge, abrindo-lhe a unica corôa que devia usar.

A thesoura tem prestado e presta serviços importantes á sociedade.

E' a thesoura que talha com elegancia os estofos que vestem as mulheres, sem lhes occultar a belleza da forma.

E' a thesoura que ajusta a casaca, transformando o homem em elegante figurino.

E' a thesoura que nas mãos do jardineiro rivalisa com o cinzel do escultor.

Sem a thesoura teriamos por ventura cães d'agua tão nédios e assediados?

Sem ella conservaríamos os cabellos cortados; segundo a moda?

Sem ella não seríamos obrigados a usar as unhas compridas, como na China, ou a roel-a?

A utilidade da thesoura nas artes mechanicas, e para os usos domesticos, é incontestavel.

Póde-se affirmar, sem receio, que em litteratura, por exemplo, a thesoura é tão util como era util o canivete, porque se este servia (e a poucos ainda serve) para aparar a penna, aquella servio e serve para fazer livros; e ali... do pobre jornalista se não houvesse a thesoura!

E' evidente ainda que a thesoura é util, primeiro nos tosquiadores, porque os tosquiadores são pagos para tosquiar, e depois á sociedade, porque se prova que, passando pela acção da thesoura, os tosquiados ganham em innocencia o que perderam em energia.

O litterato que publica, mais ou menos, dez volumes por anno, nunca deixa de usar da thesoura. O mais fecundo dos historinadores modernos tem-se servido igualmente da thesoura; e se enriquecem com as historias foi-lhe a thesoura então uma especie de buril de Olio.

Houve um escriptor que disse que as academias do mundo deviam um dia lembrar-se de propor aos seus carissimos confrades, para um concurso annual, o *Elogio da thesoura*.

O valor da thesoura é tal que o Imperador de Marrocos usa nas suas armas a thesoura, o que prova que naquella imperio é ella tambem um attributo do poder.

LITTERATURA

Clotilde

Romance offerecido d'illustrada redactora do—Domingo—

(Continuação do n. 11)

II

Recolhido ao meu quarto, senti um calor tropical, e mal pude conciliar o somno.

Nodia seguinte, embalado em projectos de felicidade eterna, senti correr as horas ligeiras como os seculos no ceo.

Ai! que de venturas não imaginava então. Foi um delirio, foi uma febre de amor, foi um sonho do oriente; mas sonho, febre e delirio, tudo se esvaeceu na campina...

III

Absorto e engolpado no pelago do sentimento, entrei em casa de Clotilde, que me appareceu vestida de branco, com os cabellos negros e longos a arrearem-lhe a testa, e descabidos pelas costas. Parecia uma fada vaporosa e casta que sahia da sua gruta. Allucinado, transportado nos arroubos do mais intenso amor, soltei um grito de alegria. Assim como o nauta que se vê perdido no meio das ondas, sem norte e sem rumo, distinguindo já o resplendor da morte no sibilar sinistro da procella; ouvindo os rivos tempestuosos dos animaes marinhos que se acercam em volta do navio, escancarando as enormes bocas rodeadas de fendas de dentes; sentindo o coração a contrahir-se quando arrebatam os cabos, se rasgam as velas e racham os mastros impellidos pelo sopro gigante da refrega; se por ventura entrevê, através da negra cerração e das nuvens caliginosas, um suave e brando sorriso da virgem que apparece consoladora por entre os iris da esperanza, ajoelha, põe as mãos, e reza uma prece sentida e verdadeira; assim tambem, perseguido dos receios e d'avidas, me lancei aos pés de Clotilde e beijei-lhe a orla do vestido.

Recnou espavorida. Estava tão linda! Queria ir-se embora, mas eu retive-a um momento.

— Ah! Clotilde foi Deus que aqui me trouxe para. no meio da maior turbacão do animo e do coração, confessar-lhe que a amo... e juro-lhe que se me não ama, buscarei a morte.

Ella não me respondem. Vi-a corar, e o peito arfar-lhe ansioso. E desfolhou uma rosa que tinha na mão, ciciando baixinho:

— O que representas tu neste mundo, triste flor? Um sentimento que já não existe...

— Que faz, Clotilde, exclamei erguendo-me e trazendo-lhe da mão. Porque desfolhou a pobre florzinha? Porque ella exprime u a sentimento que já não existe? Mas se soubesse e quizesse ler no meu coração conhecera o seu erro. Eu amo-a, de novo lhe digo, embora não acredite, e este amor é a luz de minha vida. Se ella se apagar por lhe faltar o oleo sagrado, só no eterno esquecimento encontrarei allivio a tantas magoas.

IV

Sem me responder encaminhou-se para o seu jardim, que assemelhava-se ao eden biblico. Respirava-se alli um suave perfume. As flores exalavam, d'envolta com a fragancia, uma voluptuosidade celeste, que derramava n'alma consolo e poesia. Não se ouvia o ciciar da brisa, nem os quebros dos passaros. Nenhum arruido terreno vinha interromper a solemne e magestosa solidão.

Obriguei docemente Clotilde a assentar-se n'um banco de relva; eu fiquei de pé, contemplando-a embevecido.

V

Era uma virgem encantadora. Uns raios de frouxa luz, furtivos e voluptuosos, vinham bater-lhe de soslaio sobre a face ligeiramente rosada. Uma camelia, ainda meia fechada, desprendendo-se da roseira, pendia-lhe graciosa sobre o hombro, como que a beijar-lhe docemente o colo nivo. Parecia uma santa no seu nicho de flores, erguido pela piedade dos fieis, tão puro e tão casto era o seu porte, e tão virtuoso o seu olhar angelico.

Os arroubamentos do meu amor já se não erguiam insofridos na mais intensa ardencia; antes havia uma adoração sincera e vehemente. Clotilde era para mim uma virgem catholica, e não uma Venus paga.

Ouvi de repente um soluçar agudo e plangente. Olhei para ella e vi-lhe duas lagrimas que pendi na das palpebras, como em alvorada de inverno pendem os cristaes da relva vecejante.

Perguntei-lhe porque chorava, e ella, fitando os olhos humidos nos meus, com a falla tremula, respondeu-me:

— Ah! confessor-me o seu amor, e eu....

— E tu, interrompi beijando-lhe enternecido, a mão

— E eu amo-o também. Mas tenho presentimento de que este amor nos ha de ser fatal.

— Jámais. Com o teu amor, Clotilde, sabendo que esse coração só bate por mim, de nada arreceio. A minha felicidade só depende de ti.

Clotilde sorriu tristemente, e, levantando-se partiu ou, antes, esvaeceu-se como uma visão. Eu fiquei extatico e mudo como se me houvera fugido a luz dos olhos

(Continúa)

PARTE RECREATIVA

A hora das trindades

(FOLHA SOLTA)

A hora das trindades é a hora das sandades, é a hora da melancolia; e para quem deixou a patria, ainda que tenha o coração empedernido, é uma hora de solemne tristeza.

Quem está longe de tudo que ama e ouve de subito bater Trindades em alguma capellinha estrangeira, estrenece de certo, e na memoria ingrata se lhe aviva subitamente esse quadro obliterado, esse panorama vasto e melancolico, essas sombras estumadas de crepusculo, essas estrellas de ouro fino e todo esse perfume indefinivel da patria que nessa hora rescende mais intenso do que nunca das campinas.

Então surge-lhe diante dos olhos pallida e triste a imagem do ente que mais amou na terra, que lhe fôra berço.

As bafagens do vento trazem-lhe como em um murmurio vago as ultimas notas que o virá a hora da despedida; e elle diz, recolhido em si, «A estas horas, é lá na minha terra o lagar do trabalho. A minha velha mãe reza por mim á virgem, e deita azeite na lamparina que arde sempre diante da imagem, balbuciando o meu nome!»

E o infeliz peregrineiro, cabisbaixo, com as lagrimas nos olhos e trazido das mais vivas sandades, ao descanbar do dia, recolhe-se ao

rio como o seu coração, e lembra-se, mais que nunca, da patria e daquella que lhe deu o ser.

Maximas e pensamentos

A vida é um ponto entre duas eternidades.

A esperanza é necessaria ao coração como o sol á existencia das flores.

As mulheres devem enfeitar-se com virtudes e sciencia, com asseio e decencia.

Uma mulher virtuosa, elegante e instruida é o mais completo ornamento da sociedade.

O toucador de uma senhora é tão necessario como os livros; estes ornão a alma, e aquelle enfeita o corpo.

A moda no vestuario, nas mobílias e em outras cousas semelhantes acrescentam o luxo, desenvolvem a industria e a civilisação; mas estas vantagens pagam-se as vezes bem caras; muitas familias arruinam-se completamente, esquecendo-se da indispensavel economia, correm após da incostante moda e não duvidam sacrificar os seus proprios bens, e ainda o futuro de seus proprios filhos.

Quinquilharias

Um dia as divindades representantes da riqueza, dos deleites, da saude e da virtude, apresentaram-se ao povo da Grecia reunido nos jogos olympicos. afim de marcar-se lugar, segundo o gráo da sua influencia sobre a felicidade do homem.

A riqueza disse:— Eu sou grande; sem mim não ha alegria; o mundo sem mim é um deserto.

Coube ao prazer fallar. — As riquezas, disse, seriam inuteis se eu não existisse; sou eu, pois, quem deleita e embriaga as almas.

Seguiu-se a saude — Sem mim, gritou ella, não ha felicidade; sem mim as riquezas são inuteis e os prazeres amargos.

A virtude, placida e serena, levantou-se, e dominando o auditorio, com voz suave, disse — Sou eu a verdadeira felicidade; sem mim nem as riquezas, nem os prazeres, nem a saude duram muito; sem mim todas estas cousas são verdadeiros males.

Estas palavras foram cobertas de estrepitosos applausos, e a assembléa unanimemente resolveu dar o primeiro lugar á virtude e o segundo á saude.

Esta ficção moral é de Crantor, poeta e philosopho platónico, que floresceu 315 annos antes de Christo.

Os medicos antigamente receitavam em latim.

Conta-se que um pozera em uma receita um qui, em lugar de um quo, o que fez com que o boticario envenenasse o doente.

E' por isso que ainda hoje se diz em francez: «Deus nos livre dos qui pro quos dos boticarios, o dos ecoterias das tabellifas.»

Poesia

Invejo a sorte do espelho
Que namoras n'he e dia
Com tanta tafularia.

Invejo o fino cendal,
Leve cambria de linho,
Que te roça no corpinho,

Invejo o chão que tu pisas,
A fita com que te enfeitas,
O banho em que te deleitas.

Mas a mão que tu apertas
O braço que te sustenta,
A voz que escutas atenta,

Não podem causar-me inveja
Porque te conheço bem,
Tipo de fino desdem!

Se te sorris — é mentira
Se te meigas — ironia
Se te rendes — zombaria.

Ai da victima infeliz
Que se quer por um instante
Acredita em teu sem' lante.

Corre o paninho, a scena muda,
A comedia dura pouco,
E zombas do pobre louco.

Eu invejar as tuas finezas!
Invejar os teus favores,
Teus suspiros, teus amores! . . .

Quem te conhece, mulher,
Ha de ter a experiencia
Que és fingida por essencia.

O que invejo é teu espelho,
Que namoras noite e dia,
Com tanta tafularia.

Invejo o fino cendal,
Leve cambria de linho,
Que te roça no corpinho,

Invejo o chão que tu pisas
A fita com que te enfeitas,
O banho em que te deleitas.

F. OCTAVIANO.

Dezengano

Mas, smige-me a idéa da incerteza,
Que existe no amor que te hei votado;
E as sombras apparecem simulando
A idéa que não posso ser amado.

(CARTANO DRAGUMIRO)

Não tens pena de mim, vês-me abatido
Nas faces pallidas semelhando a morte;
No olhar desvaído revelando
Um bastardo da sorte.

Foste um arjo, sim, quanto és soberba,
Corvastes as tuas plantas moribundo
Quem dêo-te a vida e o coração tremente.

Quem te amou neste mundo

Criança me illudirno essas phrases
Bem e perança n'um amor d'irvão,
E tudo é morto em ti e só Deus sabe
Se ainda tens coração.

E quem te amara mais, quem te votara
Mais creanças no porvir, quem fora crente,
Arrostar o perigo a que me expunha
Por ti, por ti somente

E quanto amor te dei, e só Deus sabe
Quanto pranto verdi, quanta amargura,
N'aquelles dias de cruento exílio,
De negra desventura

E tudo supportei resignado
Entregue a tirannia do abandono,
Em ti, ai! só em ti eu confieva.
Em descuidoso somno.

E o véo da illusão desfeito agora
A côr mudou do ceo e do meu futuro,
E do horizonte a tetrica tormenta
Toldou o que era puro.

E que me resta? dize, tu nas salas
Entregue aos risos, ao prazer da dança
No volteio do walsar inebriado,
E eu sem esperanza!

Cruel, sempre cruel, que mais dejas?
Toma o punhal e crava no meu seio,
Bebe o meu sangue e vingá-te contente,
Recusas, teus receio?

O que posso tentar como defeza,
Alma sem vida e creanças in conforto,
Tu que acendeste a chama no meu seio
E me contemplas morto!

ALVARINHA NETTO.

Charadas

Com pequena alteração
A's avessas sou uma ave,
A' direitas uma flôr . . . 2
Sem nenhuma alteração
A's direitas sou um nome,
A's avessas uma côr . . . 2
Sou um nome bem bonito,
E de mulher, sim, senhor.

Quem se occupa em ciladas,
Aos incantos innocentes, . . . 2
Se isto faz tem caridade,
E torna os tristes contentes . . . 1

CONCERTO

Não sei a razão porque
Os homens me fazem ter
Um nome, que não mereço
Senão depois de morrer.

Na muzica . . . 1
No espaço . . . 2
No mar.

A dicifração das charadas do numero antecedente
é: a 1ª, Armario e a 2ª, Josefina.

Typ. da—Lyra de Apollo—rua da Alfandega 185